

FERRANDO, Francesca. *Philosophical Posthumanism*. New York: Bloomsbury Academic (Theory in the New Humanities), 2019. 291pp[dx.doi.org/](https://dx.doi.org/10.23925/1984-3585.2021i243p2471-251)

10.23925/1984-3585.2021i243p2471-251

Licensed under
[CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resenha do livro *Philosophical Posthumanism*, de Francesca Ferrando

Matheus Passavante Amaral¹

Escrito por Francesca Ferrando, o livro “*Philosophical Posthumanism*” (2019) é fruto de uma busca atenciosa por compreender aquilo que nós somos aqui e agora, e o que podemos nos tornar. Em suas próprias palavras: o “pós-humanismo é a filosofia do nosso tempo” (p. 1). Com esse convite a uma reflexão apaixonada (e apaixonante), o leitor é conduzido a pensar sobre como os últimos desenvolvimentos onto-epistemológicos, científicos e biotecnológicos provocam uma redefinição radical na compreensão do que é ser humano.

Nesse contexto, para lidar com essa imperativa redefinição do ser humano, o termo “pós-humano” tem sido empregado por diferentes movimentos filosóficos e escolas de pensamento, cujas metodologias e teorias são completamente distintas. A partir de uma abordagem genealógica do pós-humano, o livro aponta as diferenças e similaridades entre várias correntes que versam sobre pós-humano. Com uma ampla compreensão crítica do que significa ser humano, Ferrando traz contribuições originais para o pós-humanismo filosófico. No livro, o pós-humano ganha importância não só para compreender nossa atualidade, mas, principalmente, para a partir dessa compreensão podermos repensar nossas práticas existenciais.

Embora Ferrando reconheça que o pós-humanismo esteja genealógicamente relacionado com a desconstrução radical do ser humano performado pela filosofia nos anos 1960 e 70 (p. 2), seu pensamento está para além da “crise terminal do ser humano”, como coloca Rosi Braidotti no prefácio do livro. Na década de 1990, quando a desconstrução do humano assumiu uma abordagem epistemológica, Katherine Hayles já indicava que o pós-humano não precisava recuperar uma visão liberal do ser huma-

¹ Licenciado em Filosofia (2016) pela UFPE, Mestre em Filosofia (2019) pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), núcleo UFPE. Atualmente professor de Filosofia no Ensino Médio pelo Governo do Estado de Pernambuco. CV Lattes: lattes.cnpq.br/0221724104973145. E-mail: passamath@gmail.com.

no, tampouco precisava ser antihumano (1999, p. 287). Influenciada por essa ideia, Ferrando mobiliza uma ampla gama de discursos das humanidades – como os da área de Comunicação, Estudos de Gênero, Estudos Pós-coloniais, Filosofia, entre outras – que tem questionado os princípios fundamentais do humanismo ocidental, mas também tem demonstrado a importância e existência de outras formas de humanismos em outras culturas (capítulo 14). Considerando também as críticas à supremacia da espécie humana, o pós-humano apresentado por Ferrando assimila as críticas ao humanismo ocidental, considera a importância de outras formas de humanismo, e faz emergir uma nova visão de ser humano. Propõe-se, portanto, um pós-humano não necessariamente antihumano.

O pós-humanismo filosófico apresentado pelo livro compreende três aspectos fundamentais: “pós-”humanismo², pós-antropocentrismo e pós-dualismo (p. 22). Ferrando argumenta que a experiência humana deve ser considerada em termos pluralistas, e não em termos generalistas e universalistas como no humanismo ocidental, caracterizando assim a dimensão pós-humanista. A consideração radical dessa perspectiva pluralista do humano leva à sua descentralização com relação às alteridades não humanas, uma crítica ao especismo antropocêntrico que configura a dimensão pós-antropocêntrica do pós-humano. Ferrando concorda que a filosofia pós-humanista tem sido definida como um pós-humanismo e como um pós-antropocentrismo. No entanto, ao discutir sobre como no pensamento ocidental o dualismo tem gerado compreensões hierárquicas entre os pares (tais como humano/animal, mente/corpo, natural/artificial, entre outros), cujo resultado são várias formas de dominação e violência, o ‘pós-humanismo filosófico’ traz também uma abordagem pós-dualista.

Ferrando escreve com clareza e precisão. Além de toda a diversidade de discursos e interdisciplinaridade trabalhada por ela, que origina um texto que ao mesmo tempo informa, estimula e provoca o leitor, o estilo de escrita da autora também merece atenção. Ela constrói sua argumentação a partir de uma série de perguntas substanciais. Essas perguntas são importantes, tanto para situar o leitor na navegação pelos temas, como para destacar os temas debatidos, facilitando a compreensão e o acompanhamento do raciocínio. O uso Socrático dessas perguntas também aproxima o leitor das temáticas de forma que ele facilmente se vê envolvido

2 No capítulo 11 do livro há uma discussão sobre a importância do hífen para diferenciar *posthumanism* enquanto um tipo específico de filosofia e *post-humanism* como uma perspectiva, uma abordagem ou característica. Porém, em português a gramática nos obriga a usar o hífen em ambos os casos.

pelas problemáticas e questionamentos. Além de também responder cada pergunta de maneira direta e sem perder a profundidade e complexidade do assunto abordado, cada uma dessas perguntas abrem novos caminhos e direções na reflexão, cabendo ao leitor decidir se vai seguir as rotas da autora ou encontrar seu próprio caminho reflexivo.

A própria estrutura do livro também facilita a compreensão do raciocínio e das ideias. O livro é dividido em três partes e contém, ao total, trinta capítulos curtos. Essas partes traçam a genealogia dos temas e conceitos trabalhados por ela: primeira parte, “O que é pós-humanismo filosófico?”; segunda parte, “De qual ‘humano’ o pós-humano é ‘pós’?”; terceira parte, “Os humanos sempre foram pós-humanos?” - Cada uma dessas partes começa com uma breve apresentação de suas premissas e finaliza com um interlúdio que sintetiza o que foi discutido na seção. Ferrando responde a essas três perguntas norteadoras decompondo-as em questões mais específicas, que são abordadas nos trinta capítulos do livro. Em cada um desses capítulos, a autora examina criticamente as raízes de seus temas, trazendo as similaridades e diferenças da multiplicidade dos discursos mobilizados. Essa maneira como cada capítulo é pedagogicamente estruturado, construindo o raciocínio pergunta por pergunta, torna o livro proveitoso tanto para quem está familiarizado com o pós-humanismo como para quem procura uma introdução acessível à temática.

Na primeira parte do livro a autora traça uma genealogia do pós-humanismo filosófico a fim de estabelecer o que ele é e o que não é. Uma de suas raízes está no pós-modernismo, com o autor Ihab Hassan, um dos primeiros a utilizar o termo “pós-humanismo” e “pós-humano”. É possível encontrar outras raízes no pós-humanismo crítico, representado no livro por Katherine Hayles, e no ‘pós-humanismo cultural’, representado por Donna Haraway e Cary Wolfe (p. 24-26). O aspecto “filosófico” da abordagem de Ferrando, no entanto, não expressa uma contradição entre esses pós-humanismos apresentados. Ele enfatiza a importância de unir e levar em consideração várias dimensões dos discursos das humanidades, das ciências e do ambientalismo, para evidenciar as limitações dos pressupostos humanistas, antropocêntricos e dualistas do humanismo ocidental.

Ainda na primeira parte do livro, Ferrando mostra como a noção de “pós-humano” tem sido trabalhada por outras correntes filosóficas. Também é um dos focos desta parte do livro as diferenças e similaridades entre o ‘pós-humanismo’ e outras correntes que também desenvolvem a noção de pós-humano a partir de outras raízes genealógicas, como é o caso do transhumanismo e antihumanismo. A primeira parte do livro

finaliza com a ideia de que o “pós” do pós-humanismo não significa uma rejeição do que veio antes, mas segue o caminho traçado pelas suas raízes filosóficas “em um desenvolvimento que está num constante diálogo com reconhecimentos e possibilidades do passado, presente e futuro” (p. 59).

A segunda parte do livro se desdobra sobre as noções de “humano” e “não humano”, especificamente a partir da concepção de “humano” enquanto um processo de “humanização”. A autora se embasa na tradição crítica das teorias feministas sobre o gênero, partindo da asserção de Donna Haraway, para quem “gênero não é um nome, mas um verbo” (p. 68), no sentido de que o gênero está relacionado com as ações e as performances repetidas de alguém. Assim também pode ser entendido o ser humano, não como uma essência, pois “não se nasce humano, torna-se humano através da experiência, socialização, recepção, retenção (ou rejeição) da normatividade humana” (p. 71). A partir desta reflexão, ilustrada por um panorama das diversas formas de “humanização” e “desumanização” ocorridas na história da civilização ocidental, ela mostra como o processo de humanização constrói uma noção de humano que exclui o “outro” (a mulher, a criança, o homossexual, o pobre, entre outros) por um processo de “rejeição performativa” (p. 81). Então, a autora enfatiza a importância dessa noção de “outro” para entender o ser humano e conseqüentemente o pós-humano, analisando também as relações entre o humano e as entidades não humanas. A segunda parte do livro ainda relata a história da noção de “humano”, desde seu significado na Grécia Antiga e Roma, passando inclusive pela taxonomia de Lineu, denotando como no conceito de humano sempre esteve implícito uma exclusão do “outro”.

A terceira parte traça um panorama das diversas concepções ontológicas discutidas no ‘pós-humanismo’. Primeiramente, analisando os impactos do antropocentrismo no nosso planeta (catástrofes climáticas, sexta extinção em massa das espécies, entre outros), a autora argumenta que não se pode ignorar o efeito das ações humanas no planeta e enfatiza a ligação do antropocentrismo com pensamento humanista do Iluminismo. A partir dessa compreensão, o pós-humano que se concebe é um ser consciente de seu entrelaçamento aos desenvolvimentos ambientais numa escala planetária. Ferrando investiga uma série de dualismos como as oposições entre vida e morte, animado e inanimado, e argumenta em defesa de uma continuidade da vida que borra as fronteiras entre as oposições. Uma das conseqüências desse borramento de fronteiras é uma abertura para entender a tecnologia como uma forma de vida que se funde à vida humana. A terceira seção termina com uma discussão a respeito

do papel da teoria da autopoieses (proposta por Varela e Maturana), do “neo-materialismo” e da “ontologia orientada ao objeto” na fundamentação de uma filosofia pós-humanista. A seção encerra com um experimento mental que analisa as implicações científicas e filosóficas do conceito de “multiverso”, no qual ele representaria “tanto a descentralização final do ser humano quanto a desconstrução final de qualquer dualismo estri-to” (p. 171).

Não é por acaso que este livro é publicado na série *Theory in the New Humanities*, uma série dedicada a apresentar uma cartografia do pensamento crítico atual. A combinação entre o trabalho conceitual e a análise histórica a partir do diálogo com múltiplas literaturas das humanidades é fruto de um pensamento crítico como uma prática criativa. Sua compreensão sobre o pós-humano é uma expressão de *insights* especulativos que abrem novos horizontes de pensamento e contribuem para uma “revisão radical das normas sociais e dos hábitos existenciais” (p. 185), como ela coloca na parte conclusiva do livro *Celebrating Conclusion*.

Naturalmente, este livro pode ser utilizado como um manual, embora ele não seja mera ferramenta. Ele realiza a função da tecnologia, tão bem discutida por Ferrando (capítulo 8), de abrir possibilidade para novas formas de pensar e ser no mundo. O livro *Philosophical Posthumanism* (2019) é também materialização do borramento de fronteiras entre teoria, *poiesis* e prática, assim como pretende a filosofia inscrita nele.

Lê-lo no atual contexto do Brasil, durante a pandemia de Covid-19 que acentua e evidencia a desigualdade social no país, sob um regime político que constantemente ameaça nossa democracia, que se aproveita da crise na saúde pública para descaradamente “passar a boiada”, isto é, desmatar a Floresta Amazônica para criar gado ou plantar soja, e cuja consequência, entre outras, é o genocídio do povo indígena dessa região, o livro nos faz lembrar a importância de encarar a vida a partir de um olhar não antropocêntrico e não dualista. Por outro lado, também nos convida a celebrar a vida em toda sua complexidade e diversidade. Afinal, a variedade de cultura, tradição e etnias que compõem nossa população, a vasta fauna e flora que compõem nossa paisagem, nos propiciam uma perspectiva única sobre o pós-humano.

Referências

FERRANDO, Francesca. *Philosophical posthumanism*. New York, NY: Bloomsbury Academic, 2019.

HAYLES, Katherine. *How we became posthuman: Virtual bodies in cybernetics, literature and informatics*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1999.